

A IMPRENSA

CONFERENCIA FEITA

8 de Maio de 1902

Circulo Catholico da Mocidade

EM PRESENÇA DE

Exm. o Revm. Sr. D. Joaquim Arcoverde

Arcebispo do Rio de Janeiro

PELO

DR. CARLOS DE LAET

RIO DE JANEIRO

Officina do Jornal do Brasil - Genêraro

1902

090,003,042 n005

A IMPRENSA

CONFERENCIA FEITA

EM

8 de Maio de 1902

NO

Circulo Catholico da Mocidade

EM PRESENÇA DO

Exm. e Revm. Sr. D. Joaquim Arcoverde

Arcebispo do Rio de Janeiro

PELO

DR. CARLOS DE LAET



RIO DE JANEIRO

Officinas do *Jornal do Brasil* — Gonçalves Dias: 54

1902



138308 a.a.
1959

070


CONFERENCIA

SUMMARIO.—Elogios e vituperios : o termo médio.—A tyrannia da imprensa—Predomínio de poucos sobre muitos.—O quarto poder do Estado—A imprensa invasora do lar domestico.—*Non sine causa gladium portat*.—Pelourinho sem sentença.—Tyrannia da incompetencia.—A imprensa politica e a neutra : publicações a pedido.—Oligarchia. ochloeracia.—O duello e os tribunaes.—O anonymato constitucionalmente prohibido.—O verdadeiro remedio.—*Commorebuntur simulacra...*

Exm. e Revm. Sr. Arcebispo.—Revm. Srs. Membros do Clero.—Exmas. senhoras.—Meus senhores

Propondo-me occupar a vossa benevola attenção durante alguns minutos, julgo acertado orientar-vos quanto ao objecto desta conferencia, pois que da vaga e indeterminada enunciação do seu thema quasi nada se pôde colher.

Eu não venho, senhores, dissertar em estylo florido sobre a importancia e as vantagens da imprensa. Sei que fallo diante de pessoas illustradas, e com ellas perderia tempo amplificando taes *logares communis*. A imprensa (quem o contesta ?) é o mais poderoso meio que se tem inventado para a divulgação do pensamento, e pô-lo em duvida seria arremessar o paradoxo contra a evidencia.



Não venho tampouco, senhores, formular um libello contra a nobre filha de Guttenberg, como se diz em estylo de *reporter*, e muito menos ainda atacar a imprensa republicana, como assoalhou um papel diario de hoje.

Em primeiro logar, quando occupo esta tribuna, que algo tem da cadeira da verdade, posto que em plana muito inferior, e quando assim obedego ás ordens da illustre directoria desta dignissima associação, eu deixo lá fóra todas as minhas aspirações politicas e quaesquer resentimentos de escriptor. E depois, senhores, preciso me é dizer-vos que nenhuma queixa tenho da imprensa do meu paiz.

Effectivamente, ella me tem conferido, nos meus vinte e seis annos de jornalismo, todos os elogios e... todas as contumelias. (*Riso*)

E' exacto. Em 1880 um critico muito notavel e competente, o sr. dr. Sylvio Romero, assegurava (pondo-me, aliás, em bôa companhia) que na roda litteraria fluminense havia tres rematados idiotas. Um era o sr. Machado de Assis (*riso*); o outro era o finado visconde de Taunay; o terceiro, escusado é dizer-vos que era eu. (*Hilaridade.*) Ultimamente, porém, no longo, largo e grosso livro publicado para celebrar o quarto centenario da descoberta do Brasil, o mesmissimo critico, sempre competente e notavel, conferiu-me um posto de honra entre os dezeseis principes da prosa nacional. Lá está na pagina 125 (eu decorei a pagina): são dezeseis os principes, nom mais nem menos (*riso*) e eu sou um delles...

Com o sr. José do Patrocinio dá-se a mesma cousa. Ora para esse publicista eu sou o varão imperterrito que, tudo sacrificando á defesa de uma idéa, permaneço de pé sobre os escombros da monarchia; ora o lacaio do Ouro Preto (*riso*) a fingir que propugno a religião para fazer uma arma politica. Paciente eu tolero a affronta, satisfeito agradeço o cortejo; e, quando me encontro com esse cavalheiro, a minha primeira pergunta é esta: — José, em que ponto nos achamos? teu ultimo artigo foi elogio ou descompostura? Elle, com todo o seu bom

coração, affiança que me quer muito... Somos excellentes amigos. (*Hilaridade.*)

Um dos papeis que diariamente se estampam nesta cidade, no dia de meus annos, em 3 de outubro proximo passado, descobriu que eu era isto: «Publicista torso e impecavel, character de tempera rara, espirito desinteressado e indomavel, condensando a sua vida publica em um exemplo de desassombro e de intransigencia, que ha de honrar-lhe o nome através da nossa historia.» Eis o meu bello retrato de homem publico; agora o do homem particular: «Em sua alma, o fervor das crenças politicas é apenas igual ao culto pela probidade e pelas nobres virtudes que, com o seu talento de eleição, formam na sua individualidade a couraça intangivel com que se apresenta nas lutas jornalisticas.» Muito bem; mas passados oito mezes, o mesmo jornal, cujo nome não cito por desfallecimento de memoria (*riso*), apresentou-me aos seus leitores como um ente asqueroso e com todas as chagas moraes que podem afeiar a humanidade!

Senhores, não fallando dos nossos vultos eminentes, que naturalmente estão sempre em discussão, eu, entre os homens mediocres e merecidamente obscuros, sou aquelle sobre quem mais tem chovido elogios e diatribes. Claro está que nem despenduro as corôas que me offerecem, nem perco o appetite com as descomposturas com que me escovam. (*Hilaridade*). Sabeis o que na arithmetica se entende por *média*. Addicionam-se as parcellas e divide-se a somma pelo numero dellas. E' o que tenho feito, e, no fim das contas, acho que ainda foram generosos para commigo.

Nestas condições, bem comprehendéis que nem a gratidão, nem o rancor, nenhuma paixão absolutamente me inspira no que vou dizer; e que o fim desta conferencia é tão sómente de ordem philosophica e social, destinando-se a premunir-vos, e aos meus compatriotas em geral, contra aquillo que eu chamo--a *tyrannia da imprensa*.

Tyrannia da imprensa! Sim, tyrannia da imprensa... Agora está lançada a palavra, *le mot est lâché*... *Nescit vox*

missa reverti, não volta atrás o que já se disse, e remedio não tenho sinão justificar a minha these.

Senhores, uma das grandes singularidades dos tempos actuaes é que os povos vivem a combater phantasmas de tyrannias, e indifferentes ás tyrannias verdadeiras. As revoluções derribam monarchas, que ás vezes são magnanimos pastores de povos. Antigamente cortavam-lhes as cabeças, mas hoje nem sequer essa honra lhes fazem: contentam-se com despedil-os, fazem-n'os embarcar a deshoras, porque sabem que já poucos são os reis consciencia . . Por outro lado, apregôa-se a tyrannia do capital; e, adversa a todo capitalista e a cada empresario, está uma turba fremente, prestes a tumultuar, quando julga menos cabados os seus direitos... E todavia, senhores, o povo ainda não comprehendeu que uma das maiores tyrannias que o conculcam é a da imprensa; e, longe de comprehendel-o, antes a reputa uma salvaguarda dos seus interesses e a vindicatriz dos seus direitos. E' contra este sophisma que ora me insurjo. (*Muito bem!*)

Que é tyrannia, senhores? *Omnis definitio periculosa*, diziam os escolasticos; mas creio não errar definindo *tyrannia*—o indebito e oppressivo poder exercido por um, ou por poucos, contra a grande maioria dos seus contemporaneos. Ora, esta definição maravilhosamente quadra ao chamado poder da imprensa.

Sim, ella é o poder de poucos sobre a massa popular. Contae o numero immenso de homens que não figuram, que não podem figurar na imprensa, uns porque lhes faltam aptidões, outros por negação a esse genero de actividade, outros porque não têm dinheiro ou relações que lhes abram as portas dos jornaes; contae, por outra parte, o minguaado numero de jornalistas,—e dizei-me se não se trata de uma verdadeira oligarchia, do temeroso predominio de um pugillo, de um grupinho de homens sobre a quasi totalidade dos seus concidadãos. (*Apoiados*).

E que poder exerce esse grupo minusculo? Enorme.

A imprensa pôde, effectivamente, influir no governo de um paiz, constituindo aquillo que já se chamou—o quarto poder do Estado.

Pôde tornar odioso o chefe de uma nação e concitar contra elle o desprezo, o odio publico e até mesmo a garrucha do assassino, como entre nós se evidenciou no attentado do Arsenal. Quem não se lembra dos incitamentos que armaram o braço de Marcellino Bispo? E, por isto, quando me vieram contar que o assassino fôra um soldado, immediatamente eu retorqui:—Estais enganado, foi um jornalista! (*Muito bem!*)

A imprensa interpõe-se entre o povo e o parlamento. Parlamentos ou congressos (não trato aqui de fórmias governamentaes) devem ser, quando não o sejam, compostos dos homens mais distinctos de um paiz, pelos seus conhecimentos e por suas virtudes. Pois bem! O povo não lê o que os seus representantes dizem, lê o que os jornaes querem que elles tenham dito. (*Apoiados*). 21/11

Hom' ass! Não ha entre vós, senhores, sou até capaz de apostar-o, não ha, entre vós todos, meia duzia de traças de bibliotheca que no DIARIO OFFICIAL vão ler o que se diz no Congresso; o que se lê são os extractos dos jornaes, extractos incompletos, calando o que possa contrariar a opinião da folha, desenvolvendo o que melhor lhe sabe, e não raro deturpando o pensamento do orador. Parodiando uma celebre definição da arte, posso dizer que a eloquência politica no Brasil é o Congresso visto através do temperamento do reporter. (*Apoiados*).

A magistratura no Brasil (quero ainda crê-lo) não é, felizmente, o que della dizem as folhas systematicamente diffamadoras; mas não vale negar a influencia que tambem sobre ella exerce a critica apaixonada dos jornaes. Conheço juizes austeros, soffredores da sua honrada pobreza, incapazes de tocarem em um ceutil que licitamente lhes não pertença; e todavia esses magistrados tremem da injuria impressa, e tristemente então decahem da sua habitual rectidão.

Não é somente, meus senhores, sobre o homem po-

litico e sobre o juiz que se exerce o poderio tyrannico da imprensa : não ha nenhum de vós que esteja isento da mesma prepotencia e a saivo dos mesmos accommettimentos. (*Ápoiados*). Sobre um funcionario publico pôde uma folha fazer pairar suspeitas de peculato ou de suborno. O padre mais de uma vez se tem visto des-acatado, nodoando-se-lhe a reputação com ignobéis pechas. A imprensa calumniadora já tem subido ao solio dos Bispos, e até mesmo ao dos Papas. Pio IX foi um santo, e ninguem ignora quanto correu mundo a torpissima ficção dos seus amores... O negociante, o industrial, o medico—todos, senhores, todos têm a sua reputação, a sua honra, á mercê dessa mysteriosa divindade, dessa potestade que dá e que tira mais do que a vida, porque a honra vale mais que a existencia. (*Muito bem !*)

Em nosso paiz a *liberdade* da injuria e diffamação sómente pára em frente do soldado. O jornalista atiradigo á calunnia por via de regra pouco lê a Biblia, mas sempre lhe chegou aos ouvidos um trecho de S. Paulo aos Romanos. «*Non sine causa gladium portat*»—disse o Apostolo das Gentes. «Não é atôa que elle traz espada á cinta.» (*Riso*) S. Paulo fallava do príncipe ; mas o jornalismo comprehendeu que hoje não é o príncipe, que é o soldado quem traz espada, e prudentemente se abstem de invectivar as classes armadas. Resta-lhe o *vulgum pecus* dos paisanos, restamos nós, senhores, para as suas excursões e correrias ! (*Muito bem !*).

A tyrannia da imprensa não se detem ante o limiar do lar domestico. Aqui, no Brasil, ella se arroga o direito de invadir-o, e de injuriar as mães, as esposas, as filhas dos adversarios. Qualquer que tenha tido a infelicidade de incorrer na desaffeição de um tyranno da imprensa, pôde ser ferido no mais intimo do coração, chasqueado, vilipendiado, esbofeteado pela mão invisivel e incoercivel do jornalismo.

Com demasiada severidade se falla das antigas usanças penaes. O pelourinho, vós o sabeis, consistia numa columna, erigida em sitio patente, e nella á irrisão pu-

blica eram expostos os criminosos. Quando se abateu o ultimo pelourinho, os povos bateram palmas; mas foi uma grande tolice, porque ao mesmo tempo se armava a imprensa. E a imprensa, senhores, tal como entre nós se entende, é peor do que o pelourinho antigo, porque neste só se expunham os réus legalmente condemnados, e a imprensa é o pelourinho sem sentença. (*Applausos.*)

Lembra-me, senhores, um pobre, um misero operario, cuja filha tinha sido deshonrada por um perverso. Elle padecera, resignado, a tremenda affronta, mas uma cousa sobre todas o affligia e angustiaava: a idéa de ver nas folhas, e commentada nos kiosques e nas tabernas a triste narrativa da sua desdita. Para isto me procurou, acreditando, na sua singeleza, que, por ser eu homem da imprensa, teria influencia em toda ella. Dei-lhe um cartão para amigos e inimigos, só me occorrendo que todos somos homens, e que se tratava de uma desgraça humana. Alguns collegas attenderam-me; outros, não. Perigava a causa da publicidade, se aquelle facto escandaloso não fosse divulgado... Foi—e o pobre pae tomou o unico partido convinavel á sua dolorosa situação. A's vezes *dá vontade de morrer*, escreveu brilhante poeta, Thomaz Ribeiro, a uma preclara victima da licença jornalística, a D. Pedro II. O infeliz da nossa verídica historia tomou esse alvitre: morreu! No dia immediato rezavam as folhas que elle succumbira a uma lesão cardiaca; mas eu acho que o coração se lhe estalou de magua, de vergonha, de immensa dor, e quem lh'o estalou foi a imprensa exploradora do escandalo! (*Sensação.*)

A imprensa arroga-se direitos que a lei discretamente recusa a qualquer cidadão. Sabeis, por exemplo, que o crime de adulterio é passivel de penas pelo nosso codigo; porém, pelo art. 279, § 2º, a accusação deste crime sómente é licita aos conjugues, e ainda mesmo estes ficarão privados do exercicio de tal direito, se por qualquer modo houverem consentido no adulterio. Com esta prudente restricção o legislador penal quiz acautelar o recato do lar domestico e impedir que nas relações intimas entre o marido e a mulher se intromettesse alguém que, male-

volo, expuzesse o casal ao escarneo publico. Pois hem ! para a imprensa entre nos não existe essa barreira, e bem sabeis que na sua furia de invectivar ella não hesita em invadir a casa do adversario para, de mistura com o chefe da familia, apunhalar a esposa e os filhos, ferindo-os em sua honra ! A isto, que todos vós toleraes, é que se chama liberdade de imprensa. (*Applausos.*)

Senhores, se nos tempos do feodalismo um castellão se lembrara de agarrar em um homem do povo e de expol-o, horas e horas á irrisão dos sandeus, aos apodos das turbas ignorantes e cruéis, esse despota, julgado pelo criterio democratico, despertaria as mais energicas indignações. Se o mesmo regulo entrasse no lar do villão para devassar-lhe os segredos da familia, certo que contra si levantaria a animadversão geral. Entretanto, senhores, isto é o que quotidianamente faz a imprensa, e não ha quem contra ella erga um protesto; e, pelo contrario, todos a consideram guarda vigilante dos direitos do povo.

E' uma oligarchia, já vol-o demonstrei, e toda oligarchia é tyrannica. E' uma oligarchia exercendo poder absoluto, tremendo, incontestado : — mas, pelo menos, será uma tyrannia intelligente ?

Longe de mim, senhores, defender tyrannos. Toda a minha vida jornalística protestaria contra isso. Sou monarchista, não porque tenha sido aulico, pois nunca o fui, quando facilmente o houvera podido ser. Sou monarchista porque entendo que, com a extincta fôrma de governo, melhor se conciliam as liberdades politicas e civis da minha patria. Longe de mim, repito, a idéa de propugnar tyrannias ! Mas, forçoso é reconhecer que as tem havido gloriosas.

Comprehendo, por exemplo, a tyrannia de um Pedro I da Russia, que, no meio dos seus excessos sanguinarios, fazia da barbara Moscovia uma grande potencia civilizada. Comprehendo o absolutismo de um Luiz XIV da França, que era ao mesmo tempo a gloria militar e a gloria litteraria. Comprehendo que durante onze annos tolerasse a França o despotismo do primeiro Napoleão,

pois lhe ampliava as fronteiras e, triumphante, fazia passeiar por toda a Europa o glorioso estandarte tricolor... Mas o que eu não comprehendo é a tyrannia da incompetencia; e a tyrannia da imprensa, senhores, é a tyrannia dos incompetentes. (*Applausos*).

Sabeis como se faz um jornal? Um homem que deseja ganhar dinheiro, recruta certo numero de collaboradores, para bater moeda com a popularidade e o talento delles. (*Riso.*) Mas esses são os collaboradores de *apparato*, com responsabilidades proprias, e que de ordinario apenas servem para attrahir sobre a folha as sympathias dos leitores intelligentes e sisudos. Além disso ha, porém, um pessoal completo de cavalheiros desempregados e... *inempregaveis*. (*Riso.*) Pois bem, nesse pessoal anonymo é que está o nervo do jornal: são elles os que tudo exploram e tudo julgam. São elles a quintessencia da opinião publica. (*Riso.*) Senhores, fallo por via de regra, e não trato de excepções. Reconheço a alta capacidade intellectual, a perfeita integridade moral de muitos collegas do jornalismo, aos quaes antes tenho por mestres do que por simples companheiros. Deste modo, senhores, si entre vós algum ha a quem possa incomodar a verdade, eu lhe peço que se considere em o numero das excepções. (*Riso.*) Abstraia de si e pense no vizinho. (*Hilaridade prolongada*).

Nas redacções, como auxiliares, como *reporters*, muitas vezes sem categoria definida, figuram moços madraços ou pouco intelligentes, que não lograram terminar os seus cursos superiores, e que mesmo nem sempre concluíram os preparatorios; rapazes que, não tendo habilitações para medicos, advogados, professores ou engenheiros, nem coragem para a labutação do commercio e o mourejar das industrias, acham mais commodo fazer-se criticos e hypercriticos, litterarios, scientificos, theatraes. E é diante dessa gente, senhores, que tremem os velhos homens de sciencia, os verdadeiros lettrados, os artistas conscienciosos e sabedores. (*Muito bem!*)

Incriveis são as enormidades que proferem taes ora-

culos. Nenhum respeito lhes inspiram os cabellos brancos, que, de ordinario, constituem seguro indicio da experiencia e saber. Quando se publicou a 2ª tiragem do *Direitos de Familia*, do sr. conselheiro Lafayette, cidadão suspeito, como eu (*riso*), mas sobre cuja erudição juridica creio que não ha duas opiniões (*apoitados*), um *reporter*, incumbido da critica do livro, sentenciou que — era um acervo de disposições antiquadas, e em cuja compilação o autor se mostrava de todo alheio aos modernos progressos da *criminologia allemã*. (*Hilaridade*).

Não ha muito tempo fui assistir a um concerto; e lá encontrei um violinista, meu amigo, primoroso artista, todo inquieto e receioso. Apertei-lhe a mão: estava gelada!—Confessa, disse-lhe eu, que o publico é uma temerosa entidade, porque assusta a um mestre da tua força... E elle, suspirando:—Não é o publico, disse, quem me mette medo; é aquelle *reporter* que alli está, e que, sendo meu desaffecto, vae amanhã forçosamente metter-me as botas! (*Riso*). O artista emerito e laureado tremia do rapazelho quasi imberbe e que não sabia uma nota de musica! (*Muito bem!*)

UMA VOZ—E' a pura verdade!

O ORADOR—E' a verdade, senhores, e todos a elle vos submetteis. O proprio padre, que mais do que qualquer outro poderia parecer isento do preconceito, tambem lhe paga tributo. Ha prégadores que no pulpito desfallecem, e a quem se entibiam as expressões, quando, de um canto da egreja, percebem assestado o innoculo insolente de um *reporter*.

A's vezes a critica, no meio da sua ferocidade, cae em singulares distrações. Permitti a evocação de uma reminiscencia pessoal. Em 95 publiquei um volume, justamente ignorado, e ao qual dei o titulo *Em Minas*. O sr. José Verissimo, que foi meu discipulo, cujo merecimento reconheço, e que de todo não incluiu em o numero dos ignorantes a que alludi, tomou conta do meu livrinho (*riso*), e applicou-lhe paternaes correcções. Para completamente acaçapar-me, de que se lembraria elle?

De estabelecer um paralelo entre o meu estylo e o de dous magnatas, o sr. Machado d' Assis e o sr. Ruy Barbosa. Claro está que, comparado com estes astros de primeira grandeza, eu, que apenas sou da decima sexta, o que é o limite da visibilidade telescópica (*riso*), naturalmente fiquei desmoralizado. O critico descobriu que eu usava da syntaxe quinhentista e que abusava da construcção indirecta... Emfim, notou que o indice sahira errado... (*Riso*). Mas, infelizmente, a essa implacavel judicatura escaparam graves excentricidades grammaticaes. Havia phrases como esta: — *de quem se os não possa notar*. E eu, então, passei um cartão ao meu ex-discipulo, fazendo-lhe sentir que elle esquecera a syntaxe dos pronomes. (*Hilaridade*).

Nos theatros a imprensa exerce uma tyrannia que chega ás raízas da crueldade. Triste da empreza que não envia camarotes e cadeiras á critica dos jornaes ! Desgraçado o actor que não dobra a cerviz aos meninos encaregados do serviço dos espectaculos ! Infeliz a cantora que gentilmente não sorria ao escrevinhador quasi analphabeto ! Incurrer no desagrado das folhas é desencadear contra si uma *avalanche* de improperios e injustiças.

Para o mister de jornalista não é preciso demonstrar aptidão. O jornalista moderno é o caso unico de auto-genese, de geração espontanea que escapou ás pesquisas de Pasteur. Elles, os oráculos da imprensa, fazem-se por si mesmos, e, quando surgem, já estão promptinhos, armados de todas as peças. Ha concursos para a repartição do correio, para as secretarias, para a alfandega, para o thesouro ; n'outro dia veio um rapazinho pedir-me lhe explicasse logarithmos, para um concurso de amanuense na fabrica de cartuchos. (*Hilaridade*). Para a imprensa é que não... Senhores, eu vos pergunto, qual é mais difficil de dirigir — um tilbury, ou a opinião publica ? Pois bem : para governar um tilbury é preciso um exame, é preciso tirar uma carta, e para director da opinião não se precisa de prova nenhuma ! (*Applausos*).

A's vezes, neste meu peregrinar do jornalismo, vou dar com discipulos meus, naufragos dos cursos acade-

micos, ou, peor ainda, miserandas victimas dos exames geraes. Pergunto-lhes que fazem—: são meus collegas, são jornalistas. *Promptos decidem de que nada entendem*, como lá diz um poeta. No dia immediato ao da sua reprovação em portuguez ou em arithmetica, um rapazinho desses discute as mais elevadas questões sociaes, reputa-se omnisciente e sobre a toleima publica funda a sua reputação de jornalista.

Diante desta ordem de cousas, verga o povo a cabeça e nascem as mais estranhas abjecções. Exceptuados alguns poucos philosophos que a desdenham, todos os mais são corteções da incompetencia jornalística. E' preciso não ter trabalhado em uma redacção para não saber até onde chega a subserviencia do povo para com a imprensa que o tyrannisa. Não raro, vendo ali genuflexos e timidos homens de merecimento mui superior ao daquelles que os tinham de julgar, vieram-me impetos de clamar-lhes como um revolucionario francez: — Mas levantae-vos, senhores! Os vossos algozes apenas vos dominam, porque vós estaes de joelhos! (*Muito bem!*)

— Senhores, neste combate á superstição da imprensa, eu tenho a necessidade de impugnar certas idéas falsas, e que apenas se afiguram verdadeiras porque são a miude repetidas. A imprensa politica, dizem alguns, era apaixonada e vehemente; supprimil-a foi um bem. As *publicações a pedido*, asseguram outros, são um meio indecente de provocar debates pessoas: urge acabar com ellas. Tudo isto, senhores, não é verdade. A imprensa politica era uma garantia. Os *a pedido* são a unica arma facultada ao povo, nesta nossa desgraçada imprensa, para vindicar a sua honra e o seu direito.

— Singular paiz! — disse, fallando de nós, um illustre diplomata argentino, creio que o sr. Avellaneda: «singular paiz! Tem partidos sem imprensa e imprensa sem partidos!» E tinha razão. O jornal politico é uma phalange aggregada em torno de uma idéa, de uma aspiração, de uma ambição, si o quizerdes, mas de uma ambição definida em um lemma social. (*Apoiados.*) A imprensa vasada nestes moldes offerece garantias de moralidade.

Nella vigiam-se uns aos outros. Os chefes não podem tergiversar, porque perderiam a confiança dos soldados; os soldados não podem bandear-se, que o não permitiriam os seus camaradas de fileira. Na imprensa neutra, não: não ha compromisso de especie alguma. Bajula-se hoje para atacar amanhã, ou *vice-versa*, segundo o interesse pessoal do director da folha. A todo momento esse especulador póde vender-se, sem que o interpelem seus collaboradores, que nada têm com isto. Ninguém lhe toma contas e elle não as presta a ninguem, nem a Deus, em quem não crê, nem á opinião publica, que elle acredita ser feitura sua. (*Muito bem!*)

Quanto aos *a pedido*, senhores, eu vos peço que, por um momento, vos colloqueis na posição de homem injuriado. Correis á folha calumniadora, e ella vos recusa inserção para o artigo em que vibraes a replica indignada; ides aos outros jornaes, e destes uns por inedo, outros por excesso de prudencia (*riso*), nem siquer toleram que nas suas columnas se imprima o nome do calumniador. Eis uma defesa abafada, uma victima esmagada, uma reputação talvez perdida, si não se abrir ao injuriado, na arena da opinião, uma passagem por onde penetre, sósinho, mas forte na sua innocencia, e desafiando á prova o miseravel que o aggredu. (*Apoiados.*) Constituida, como entre nós se acha a imprensa, e tendo os jornaes todos os direitos sobre o povo e nenhum dever para com elle, todo homem, que não seja um jornalista, precisa de tal meio para a defesa de sua reputação e da de sua familia. (*Apoiados.*)

Accresce, meus senhores, que a oligarchia do jornalismo precisa, como todas as tyrannias, lisongear, bajular as multidões. Quando Nero, na antiga Roma, perseguia e fazia morrer a gente de bem, não trepidava em baixar aos circos e mendigar o applauso da populaça. Toda oligarchia, senhores, baseia-se na ochlocracia; e permitti que aos menos sabedores eu explane a significação destes derivados gregos. *Oligos* quer dizer *pouco*; *oligarchia* é o governo, é o predominio de poucos, que, aliás, podem ser bons; mas *ochlos* quer dizer *canalha*; *ochlocracia* é o

predomínio da canalha, e a imprensa diária, por garantir os interesses do seu balcão, geralmente adula a canalha.

Ve le bem, senhores, e agora especialmente me dirijo aos cavalheiros que por ventura estejam tomando notas para os seus resumos, vede bem, senhores, que eu não confundo *povo e canalha*. Não se me vá dar amanhã o desgosto de ler que eu injurei a imprensa e que a canalha de canalha ao povo soberano (*Milardade*.) A nota distintiva entre povo e canalha está, não na hierarchia social, não na pobreza ou riqueza do individuo, mas na nobreza de seus sentimentos. Ha canalhas de fraque e flor á botteira; ao passo que, sob a camisa suarenta do operario, pulsa muitas vezes um coração de ouro. (*Applausos prolongados*.) O que vos digo é que a imprensa, para viver, lisongeia os instintos da canalha, impellida por baixos instintos e por baixos vícios.

A canalha é naturalmente lasciva, ama o jogo, compraz-se em espectáculos sanguinarios. E dahi as descrições minuciosas de successos lubricos, de actos dos contra o pudor, de nefandas violencias, que cautamente devêram ter ficado na penumbra do poder judiciario. Ao lado do artigo de fundo, moralista, e condemnando a corrupção da jogatina, insinua-se a versatilidade, fornecendo *palpites para o dicho*... E como pasto ao morbido appetite de certa classe de leitores esparralham-se as descrições dos crimes *sensacionaes*. (*Applausos*).

Todos os poderes tem a sua limitação e responsabilidade; nisto, senhores, se acha o essencial da liberdade politica e das garantias civis. Mas—eu vol-o pergunto—onde a limitação, onde a responsabilidade, onde o correctivo da imprensa? Examinemos a questão.

Imaginae um homem, um dentre vós, vilipendiado por um jornal que o ataque na sua honra, ou na da sua familia; que partido tomar?

O primeiro impulso é o de uma desfora pessoal. Senhores, eu sou por indole adverso ao derramamento de sangue, e quando em algum tempo, na minha attribuida existencia, tive de enfrentar, sozinho, a revolução victoriosa, dirigindo-me á redacção do meu

jornal, quotidianamente ameaçado, uma cousa pedia a DEUS, e era que, se eu tivesse de morrer victimado de violencia, não me permittisse matar inutilmente, no exercicio do meu direito de legitima defesa. Sou avesso a derramar sangue humano: mas confesso, senhores, que circumstancias ha em que se comprehende o prazer de jogar a vida contra a do infame que injustamente nos aggride e calumnia...Ahi, porém, Exmo. Sr. (*voltando-se para o Sr. Arcebispo*) a nossa religião, a religião de que V. Ex. é autorisado mestre, ata-nos as mãos, a nós os catholicos, e absolutamente nos veda esse genero de solução.

Em vão contarei ao padre, que me tem de julgar em nome do CHRISTO, a indignidade da affronta, a villania dos meos, a baixeza das accusações do meu detractor; e elle, para responder-me, só terá, na sua lapidar concisão, o preceito do Decalogo: Não matarás! (*Applausos.*) O assassinato, senhores, não pode satisfazer ás necessidades de um nobre desforço; e o duello está condemnado pela Igreja e pela lei.

Nem é tão sómente pelos codigos e pela Religião: o duello entre nós está desmoralizado e cahiu no ridiculo. (*Apoiados.*)

Permitti, senhores, que, para amenisar o sacrificio que vos imponho nesta languissima perlenda (*não apoiados*), permitti que episodicamente vos refira a historia dos meus dous duellos.

Senhores, eu fui desaflado duas vezes, por motivos de imprensa. Da primeira, quem me chamou a combate foi o meu collega, dr. Valentim Magalhães. Era costume deste escriptor, allás não pouco aggressivo, alludir, quando atacado, á tristeza dos seus, em o vendo alvo de adversas fréchadas. E fui então eu e, com malicia que já não tenho, comparei tal processo á das macacas, que, alvejadas pelo caçador, lhe mostram a prole. Portador das reclamações do dr. Valentim foi o meu hoje especial amigo sr. dr. Affonso Celso, que para tal fim me procurou no *Jornal do Commercio*. O susto que me causou tal negocio (*riso*) não foi, na verdade, muito grande, por-

que logo me chegou aos ouvidos que o dr. Valentim atirava muito mal (*riso*); mas, emfim, era preciso um desfecho honroso para ambas as partes. Então, ao enviado do meu adversario assegurei que tudo explicaria em uma carta publica; e nesta, despendendo todo o cabedal da minha zoologia (*riso*), exuberantemente provei que, desde a creação do mundo até ao anno da graça então fluente, jámais a macaca fóra tomada como symbolo de cobardia, mas antes como de solercia, de astucia, de gentilissima esperteza. O sr. dr. Valentim, ouvindo os dictames da boa razão, deixou-se convencer; e o gracioso incidente até contribuiu para mais estreitar a nossa reciproca sympathia. (*Riso*)...

O outro caso foi mais serio. Em um desses deslises de phrase a que nem sempre escapam os jornalistas, eu emittira sobre a Guarda Nacional (patriotica instituição, digna, aliás, de todo o respeito) uma opinião que pareceu malsoante a certo membro provinciano dessa milicia. Mandou elle entender-se commigo um collega seu, que me procurou fardado. Este intimou-me á explicação do meu pensamento, mas em termos taes que lhe não pude attender. — Não lhe faria a vontade (disse-lhe eu), nem que v. s. fosse da primeira linha (*ilaridade*.) O caso complicou-se. Então, para abreviar aquillo, tratei logo de estipular as condições em que seria possível o recontro...

— Meu caro senhor, ponderei ao terrivel negociador, devo confessar-lhe os apuros em que me colloca a sua exigencia. Eu tive uma educação muito incompleta, como a de quasi todos os moços do meu tempo... Ensinaram-me uma porção de cousas inuteis: eu sei algebra, eu sei grego, mas nada conheço do jogo da espada. Nestas condições não me exponho ao ridiculo de empunhar o ferro homicida, como quem segura em um espeto. Resta a pistola; mas sou terrivelmente myope: gráu 6! Expór-me-ia a matar alguma das testemunhas. (*Riso*.) Ouça, pois, as minhas condições, unicas a que me submetto, leal e confladamente. Os senhores tomarão duas armas de fogo; carregarão uma dellas pelo modo mais

formidavel que possam, com balas explosivas, si as encontrarem no mercado... Eu e o sr. major (o meu adversario) tiraremos á sorte; um fleará com a arma carregada, o outro com a arma innocente, e dispararemos a dez passos, para não errar... Não sei porque, mas não foi acceito o meu alvitre; o homem sahiu horrorisado. (*Hilaridade*).

De tudo isto, senhores, que vos acabo de referir, o que se deprehende é que o duello não está em nossos costumes, e que cahiu no menosprezo publico. Não é nelle, ainda quando nol-o permittisse a Religião, que encontraríamos recurso para o caso de que tratamos. (*Apoiadlos.*) Vejamós agora o appello aos tribunaes.

Entre os crimes contra a honra e a boa fama alheias, o nosso codigo penal enumera — a *calumnia* e a *injuria*.

Esta é a imputação de vicios ou defeitos que possam expôr uma pessoa ao odio ou ao desprezo publico; é a imputação de factos offensivos da reputação, do decoro e da honra; é a palavra e até mesmo o gesto ou signal reputado insultante na opinião publica. Mas nos processos de injuria ha a chamada *compensação*, do art. 322. «As injurias compensam-se (diz elle): em consequencia não poderão querellar por injuria os que reciprocamente se injuriarem.» Eis a porta aberta para os insultadores de imprensa. Basta que o aggredido, por um movimento natural de repulsa, se volva contra o aggressor e profira uma palavra de indignação, para que a *compensação* seja invocada e o insultador escape incolume.

Não phantasio, senhores. Conheço o facto, assás recente, de dous cavalheiros, jornalistas, que no mais intimo das suas affeições de familia foram brutal e soezmente accommettidos nas publicações ineditoriaes de um grande órgão, em artigo assignado. Chamaram aos tribunaes o criminoso; a injuria era patente, era atroz, era inqualificavel, era revoltante, porque, além dos homens, ia ferir senhoras distinctissimas; mas como aquelles cavalheiros tinham accusado de desidia o auctor da aggressão, tanto chegou para que tudo se julgasse compensado, e para que a justiça publica abrisse mão do

dever, que lhe assiste, de proteger não sómente a vida, a segurança material, mas também a boa fama do cidadão e de sua familia!

Outras vezes, a injuria é reconhecida; mas a decisão dos tribunaes firma extravagante doutrina. Lembra-me, entre outros, aquelle caso que occorreu com um veneravel monge desta cidade. N'um bello dia, leram com asombro os seus amigos, em folha de grande circulação, e cujo director é um dos pro-homens da republica, a noticia de espantosa violencia que teria sido perpetrada pelo monge contra indefesa dama. Os epithetos de incorrectiva não faltaram: *frade relapso, satyro sagrado, monstro de burel, indigno servidor do Christo*, etc., etc. O pobre religioso correu aos seus superiores na hierarchia da Egreja; humilde e resignado fallou, expoz a verdade, justificou-se. Quando se ergueu, estava absolvido. Mas restava-lhe rehabilitar-se perante a opinião publica: Processou o jornal diffamador. Sabeis que lhe aconteceu? Obteve uma sentença absolvendo a folha poderosa, e isto porque, no entender do juiz, o responsavel pela noticia usara de todos aquelles epithetos infamantes, não para injuriar, mas simplesmente para contar; tinha havido o *animus narrandi* e não o *animus injuriandi*. O diffamador sahiu illeso, o injuriado teve de pagar as custas! (*Sensação*).

Oh! eu vos conjuro, senhores, nunca chameis á responsabilidade quem vos injurie. E' tempo, é paciencia, é dinheiro perdido. Nossas leis são para os insultadores da imprensa o mesmo que uma teia de aranha para apañhar grandes aves de rapina...

E com o crime de calumnia? Com este, senhores, vale a pena tentar a experiencia... (*Riso*). Calumnia, segundo o Codigo, é a falsa imputação, feita a alguém, de facto que a lei qualifica crime... Sim... Arrastae ao tribunal o miseravel que vos attribua o crime de que estaes limpo perante DEUS e a vossa consciencia! Desafiae-o á prova, á *excepção da verdade*, como se diz em termos juridicos. E para honra, já não direi da nossa tão calumniada magistratura, mas, até mesmo o digo, por

honra do genero humano, quero crêr que juiz não haja que ouse denegrir o innocente para innocentar o calumniador. No dia em que tal se fizesse, tudo estaria humanamente perdido, e a mão de DEUS, mais do que sobre o calumnia lor. pesaria sobre o juiz que tambem o fosse! (*Applausos prolongados.*)

Senhores, em tudo quanto acabo de expôr, eu tenho fallado de vós, e não de mim. Injuriado, calumniado, eu, jornalista, teria, para desaffrontar-me, as columnas dos jornaes que solicitam a minha collaboração; e, quando ellas me faltassem, quando áhi se me escasseassem os recursos da defesa, on te quer que fosse, eu improvisaria uma tribuna (*muito bem!*), e onde quer que existam homens de bem, estou certo que não seria condemnado. (*Applausos*). Fallo por vós, senhores, por vós todos, indefesos, desarmados, ex postos todos os dias ás tyrannias da imprensa.

Qual, porém, o remedio, perguntar-me-heis, contra os males que assignalais? *Difficilem rem postulastis*. O remedio? Além da acção dos tribunaes, aliás morosa e quasi nulla no caso de injuria, como deixei provado, ha um palliativo, e é o da Constituição de 24 de fevereiro de 1891. No seu artigo 72, § 12, *in fine*, diz ella: «*Não é permitido o anonymato.*» Não é permittido; nada mais terminante; porém tomae uma folha diaria qualquer, e, da primeira á ultima linha, lereis artigos anonymos. A Constituição não é executada.

Um dos *ulemas* do direito constitucional da república, o dr. José Soriano de Souza, commentando essa disposição, pondera: «A obrigação de assignar os artigos é, sem duvida, uma restricção da liberdade, sem sufficientes compensações.» Restricção da liberdade! Como se fosse restringir a liberdade assumir cada qual a responsabilidade dos seus actos! E prosegue o mesmo commentador:

«Em muitos casos, se não se assigna o artigo, não é por medo da responsabilidade, mas pelo desejo de que elle produza *melhor effeito*. E' sabido que o nome do autor pôde despertar prevenção desfavoravel naquelles

que, por inveja ou rivalidade, não gostam do escriptor. Muitas vezes não se lê o artigo, porque o signatario é pessoa obscura; outras se lê com prevenção e só pelo desejo de refutar.»

Tudo isto, senhores, é artificioso e admite reversão. Se o nome do signatario ás vezes só por si provoca desconfiança, outras vezes concilia a adhesão dos leitores. Este é o premio, aquella a pena do escriptor, segundo a sua boa ou má reputação. Argumentando com igual força de logica, o douto commentador chegaria a pedir para os oradores o disfarce da mascara, e transformaria o convivio civico num vasto carnaval.

Conclue elle: «Accresce, ainda, que o fallar em nome colectivo, como é a redacção de um jornal, *dá mais valor ao artigo*; então não é um individuo que falla, mas um partido.» (*Principios Geraes de Direito Publico e Constitucional*, Rio, 1893, pag. 432).

Senhores, é contra esse sophisma que me levanto. Estou fallando deante da mais alta autoridade desta provincia ecclesiastica (*volvendo se para o Exmo. sr. Arcebispo*) e deante de um conspicuo representante da força publica, (*volvendo-se para o representante do sr. chefe de policia*): mas, no terreno theorico, tenho o direito de enunciar que entre a Constituição republicana de 1891, e a monarchica de 1825, todas as minhas predilecções são pela antiga, como a que melhormente assegura as liberdades populares. Entretanto, senhores, a Constituição republicana (francamente o declaro) tem uma disposição salutar que fallecia á monarchica; é a prohibição do anonymato: mas esta não se cumpre! Monarchista, eu clamo, eu insisto para que se cumpra a Constituição republicana: urge acabar com o anonymato. (*Apoiados.*)

E porque, senhores? Porque no meio do geral desframbento em que ora se entibiam todas as reacções honestas, eu quero que, pelo menos, saibaes quem vos insulta. Quando algum de vós se sentir atacado em sua reputação, o publico olhará para a victima e para o insultador; e si este fôr um notorio especulador e frequentador de maus logares, um pedinchão e um ingrato, um

devasso, um ebrio habitual, já se sabe que valor podem ter as suas invectivas. (*Apoiados geraes.*) O que sempre, senhores, é terminar a abusiva pratica com que uma individualidade mesquinha, e não raro ascorosa, se prestigia com o nome de um jornal, figurando uma entidade mysteriosa, mas que não existe. Os ataques sordidos, por mais virulentos que sejam, não podem prejudicar, em se sabendo donde partem. (*Apoiados.*)

Mas isto seria um palliativo, já vol-o disse, e vós quereis um remedio. Um remedio ! Este, sómente o poderá dar a reforma dos costumes, promovida pela Religião. Seria preciso que com a moral christã se incutisse no espirito dos jornalistas o preceito de respeitar tanto a vida quanto a reputação de outrem. Seria preciso que, pelo temor de Deus, se compenetrassem os homens da imprensa que não menos abominavel é o sicario vulgar do que o assassino da honra alheia. (*Apoiados.*)

Esta acção lenta, mas efficaz e infallivel, da Religião sobre a imprensa, digne-se v. ex. de promovel-a, e terá bem merecido do Céu. Emquanto ella não se faz sentir, eu, christão e homem do povo antes de ser jornalista, cumpro o meu dever, aqui premunindo os meus compatriotas contra a tyrannia que os ameaça, e mostrándo-lhes, para encorajal-os, a ridicula phantasmagoria, o irrisorio apparatus desse monstro que os faz tremer. Homens de boa vontade, o tyranno só vale pelo temor que lhe votaes. Não lhe ligueis credito sem provas ; não lhe favoreçaes a ganancia, comprando-lhe os pasquins ; afastae do vosso lar domestico os jornaes indecorosos — e metade da campanha estará feita. Elles abrem logar na sociedade, não a golpes de talento, mas a estardalhaços de escandalo... Elles vivem, como abjectos tortulhos, das humidades malsans do vosso appetite de novidades. (*Muito bem !*) No dia em que a probidade popular volver costas ao jornalista diffamador, o miseravel morrerá de asphyxia, debatendo-se no vacuo. (*Muito bem !*)

Eis, exm. sr. Arcebispo, o punhado de verdades que a respeito da tyrannia da imprensa vim trazer, senão

138308 a. a.



com a minha illustração, que é nulla, ao menos com a minha experiencia de vinte e seis annos, que tantos conto eu de jornalismo.

Refere uma tradição respeitavel que, quando a SANTA FAMILIA fugiu para o Egypto, por onde quer que passava o MENINO DEUS, despedaçados tombavam os idolos. Assim se cumpriram, dizem os exégetas, aquellas palavras de Isaias: «*Ecce Dominus ascendet super nubem levem, et ingreditur Egyptum, et commovebuntur simulacra Egypti a facie ejus*». (XIX, 1.) «Eis ahí subirá o SENHOR sobre uma nuvem leve, e entrará no Egypto, e os simulacros do Egypto se commoverão diante de sua face.» Mas DEUS, exm. sr., muitas vezes permite que por terra caiam os manipansos, as abusões, as tyrannias, as injustiças, as mentiras, não só ante o divino conspecto, mas até mesmo ante singelas verdades, proclamadas pelo mais humilde orador.

Essas verdades, senhores, eu vol-as acabo de atirar; e possam ellas derribar os falsos idolos da imprensa! (Muito bem! Applausos prolongados. O orador é felicitado pelo cem. r. Arcebispo e por muitas outras pessoas.)